



Nacional

Policiais na vanguarda dos feminicídios no País

Os casos destacam impunidade e privilégios por partes dos policiais.

por Redação de AND

25 de março de 2026 · 3 minutos de leitura



O Brasil enfrenta um aumento alarmante de feminicídios, com dados nacionais indicando 1.470 casos em 2025, recorde desde a tipificação do crime em 2015, equivalente a quatro mulheres mortas. Em meio à onda de feminicídios no país, alguns casos recentes chamam a atenção: aqueles cometidos por policiais, agentes do velho Estado

que dizem defendê-las.

O Movimento Feminino Popular (MFP), em boletim publicado em março de 2016, relembra que “quando fatos e dados chocantes como esses vêm à tona e tornam-se debate na opinião pública são explorados exaustivamente pelos monopólios de comunicação, porém estes o condenam como se fossem um desvio de conduta individual, e não como parte da ética e moral hipócrita das classes dominantes”.

No dia 17 de março deste ano, Daiane Menezes dos Santos Reis, de 36 anos, morreu após semanas internada. Vítima de seis disparos efetuados por seu ex-companheiro, um policial militar de São Paulo, em janeiro do mesmo ano, na presença dos filhos do casal em Volta Redonda (RJ). O sepultamento ocorreu na manhã de 18 de março, com velório marcado por camisas de luto pedindo justiça com a frase: “Não foi surpresa, foi negligência”; a advogada da vítima relatou que Daiane acreditava na possibilidade de mudança do agressor. Contra o suspeito, havia três registros de descumprimento de medida protetiva, com prisão em julho de 2025 e soltura em novembro, e ele permanece detido no Presídio Militar Romão Gomes (PMRG), em SP, enquanto a PM paulista conduz procedimento administrativo.

Um segundo caso emblemático deste ano ocorreu em São Paulo. O tenente-coronel da Polícia Militar Geraldo Leite Rosa Neto foi preso preventivamente em 18 de março de 2026, em São José dos Campos (SP), acusado de feminicídio contra sua esposa, a soldado Gisele Alves Santana, morta com um tiro na cabeça dois dias antes, no apartamento do casal em São Paulo. Inicialmente alegado como suicídio, o crime foi reclassificado após indícios de manipulação da cena, configurando fraude processual, com investigações revelando uma relação abusiva marcada por violência psicológica, controle e humilhações, evidenciadas em mensagens onde ele se autodenominava “macho alfa” e exigia submissão total dela como

“fêmea beta obediente”, negando inclusive o desejo de separação expresso por Gisele cinco dias antes da morte.

Já em Vitória (ES), a comandante da Guarda Civil Municipal (GCM), Dayse Barbosa Matos, foi morta a tiros na madrugada de 23 de março de 2026, em sua residência, pelo ex-namorado, o policial rodoviário federal (PRF) Diego Oliveira de Sousa, que depois cometeu suicídio; o crime é investigado como feminicídio premeditado, motivado por ciúmes e controle após o fim do relacionamento. A vítima sofreu três disparos na nuca, com sinais de arrombamento (porta do quarto, bolsa com ferramentas e escada no local), e o caso é apurado pela Polícia Civil, com a PRF lamentando as mortes.

Uma saga contínua

Não se tratam de casos extraordinários, embora odiosos. Em 12 de março de 2025, Bruna Meireles Corrêa, de 32 anos, natural de Colares (PA) e estudante de Nutrição em Belém, foi morta com um tiro na cabeça pelo namorado, o policial militar Wladson Luan Monteiro Borges, dentro do carro dele na capital paraense. Inicialmente, ele alegou assalto no Pronto Socorro Municipal da 14 de Março, mas confessou o disparo; preso em flagrante por feminicídio pela Delegacia de Feminicídios (Defem).

Outro caso, daquele mesmo ano, foi o de Gabriele Ferreira Santos (26 anos). Ela e Luciano do Nascimento Costa (48 anos), foram encontrados mortos a tiros na madrugada de 18 de março de 2025, no bairro Cosmorama, em Mesquita (RJ). Vizinhos relataram briga, gritos e tiros; indícios apontam que Luciano matou Gabriele, com quem tinha um relacionamento extraconjugal de três anos, descoberto traição recente, e depois cometeu suicídio.

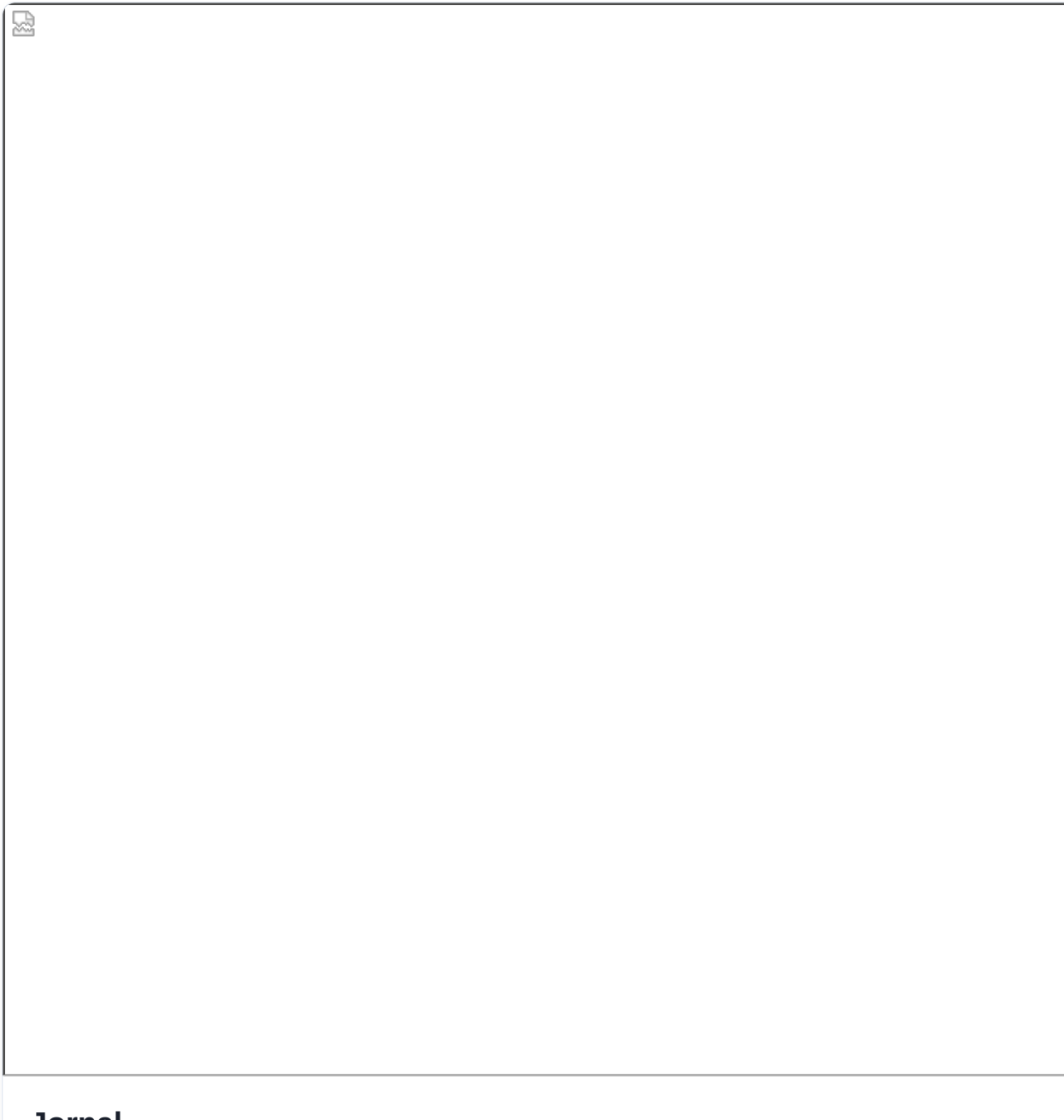
Em 2023, foi a vez do policial militar Olímpio Gomes Maia, ser preso a 4 de novembro na Zona Norte de Manaus, acusado de feminicídio contra sua ex-esposa, Camila Vitória Frihs da Silva, morta com um

tiro na cabeça no condomínio onde moravam. O crime teria ocorrido por ciúmes, após o término do relacionamento; Camila já havia denunciado agressões domésticas, mas nenhuma medida protetiva foi adotada. Durante a prisão, colegas de farda o escoltaram sem algemas ou truculência, contrastando com a revolta de vizinhos que gritavam “assassino” e relatavam violências frequentes. Nas plataformas digitais, viralizou o vídeo, com críticas à proteção corporativa: “Se fosse negro e pobre, já estaria algemado”.

Estupro, homicídio e impunidade

Um dos casos mais revoltantes envolve o policial militar Pedro Inácio Araújo, condenado a 20 anos de prisão pelo estupro e assassinato de Zaira Cruz, de 22 anos, ocorrida em 2 de março de 2019, durante o Carnaval em Caicó (RN). O julgamento, presidido pelo juiz Valter Flor no Tribunal do Júri da 2ª Vara Criminal de Natal, durou três dias, com debates entre acusação e defesa até a madrugada de 4 de dezembro de 2025. Sob “sigilo de justiça”, o acesso foi restrito a familiares, e o júri foi transferido de Caicó para Natal devido à indignação popular. Preso desde o crime, Araújo foi promovido duas vezes na corporação policial e recebeu quase R\$ 600 mil em salários, de R\$ 4 mil em 2019 para R\$ 10,6 mil em fevereiro de 2025, passando ao regime semiaberto com tornozeleira em março de 2026, quatro meses após a condenação, e agora com a conta bancária cheia.

O caso destaca impunidade e privilégios: a perícia indicou que Zaira foi violentada duas vezes antes do assassinato, mas a defesa do policial alegou morte “natural”. Críticos apontam falhas institucionais, contrastando com a lentidão do processo (seis anos até o júri) e benefícios ao réu, enquanto a população pobre enfrenta execuções sumárias sem julgamento.



Jornal

Ao longo das últimas duas décadas, o jornal **A Nova Democracia** tem se sustentado nos leitores operários, camponeses, estudantes e na intelectualidade progressista. Assim tem mantido inalterada sua linha editorial radicalmente antagônica à imprensa reacionária e vendida aos interesses das classes dominantes e do imperialismo. Agora, mais do que nunca, **AND** precisa do seu apoio. **Assine o nosso Catarse**, de acordo com sua possibilidade, e **receba em troca recompensas e vantagens exclusivas**.

Quero apoiar mensalmente!

R\$ 5

R\$ 10

R\$ 35

R\$ 150

Quero apoiar com Pix →

Temas relacionados:

📍 [violência contra a mulher](#)

Matérias recentes:



Irã rejeita nova proposta do EUA e impõe condições para um cessar-fogo

26/03/2026 · [Luta anti-imperialista](#)



AL: Moradores do bairro do Santa Amélia erguem barricadas em protesto contra a BRK pelos altos valores cobrados nas contas

25/03/2026 · [Comitês de Apoio](#)



DF: Evento anti-imperialista na UnB reforça a solidariedade internacionalista

25/03/2026 · [Comitês de Apoio](#)



Moraes concede 'prisão domiciliar humanitária' a Bolsonaro

25/03/2026 · Nacional
